

Entrevista com André Aurino Trindade Imamura

Entrevistador: Marcelo Velozo Yamanoi

Dia 10 de Julho de 2022

Realizada presencialmente em São Bernardo do Campo - SP

Duração total 38 minutos.

Marcelo Yamanoi: A partir de agora tudo que você falar está sendo gravado por mim

André Trindade: E pode ser usado contra mim...

Marcelo Yamanoi: Não (risos). A primeira coisa é: Fala o seu nome, me conta um pouco do que você faz, seus hobbies, seu trabalho;

André Trindade: Meu nome é André Aurino Trindade Bonfim Imamura, tenho esse nome grande porque minha mãe decidiu colocar o nome do meu avô inteiro no meu nome, que é Aurino Bonfim, e aí eu tenho um nome composto que é André Aurino, um nome composto de dois "A's". Sou formado em musicoterapia, toco taiko já tem mais de 12 anos, comecei com pesquisas de musicalidade e cultura afro-brasileira, fiz pesquisa de música mandingue (que é do leste da África) e participo a uns 7 anos de um grupo de pesquisa de música folclórica japonesa, que é o grupo Min, que seria uma pesquisa de Minhô (as músicas regionais do Japão), participei do grupo Seiha de música erudita, aprendi shamissen e kôto numa linha mais tradicional e depois fui pra escola de Tsugaru Shamisen do Yuso Akahori (que é um estilo mais contemporâneo da região de Tsugaru do Japão) e também participo do grupo de capoeira Canaviê... e é isso.

Marcelo Yamanoi: Muita coisa né (risos). E de onde veio a vontade de música? Por quê música?

André Trindade: Não sei se foi uma vontade ou um pensamento muito claro, não foi virar uma chavinha, acho que foi uma coisa que foi me consumindo muito aos poucos e de forma sorrateira, assim, tipo... quando eu era pequeno eu não lembro de ouvir muita diversidade musical, por exemplo em casa eu não ouvia rádio, minha Ba-chan só ouvia CD's de enka e cantava no Karaokê, então as músicas que eu sabia era tipo Teresa Teng e umas outras cantoras de enka, tá ligado (risos) e aí essa era minha concepção de música... e aos domingos tinha ensaio do Teatro Popular Solano Trindade, que tinha um ensaio de maracatu, então minha concepção de música era essas coisas, se bem que eu não identificava aquilo como música, pra mim era tipo uma farra alí, que eu não gostava de estar ou participar, por motivos familiares dos meus pais serem separados, então acho que aquela atividade não era agregada a algo bom pra mim, não tinha um valor muito positivo pra mim.

Mas eu sempre fui permeado por músicas e musicalidades diferentes, apesar de não ter uma diversidade grande, o que eu tinha já era diferente do comum, então meus colegas da escola cantavam música da rádio e eu sabia por eles as músicas, muitas vezes em

festinhas que tinha na escola, todo mundo cantava e eu não sabia cantar junto, eu não tinha ideia do que era aquilo e eu ficava cantando enka em casa e era isso aí (risos). Eu percebi que eu gostava de música depois que meu tio começou a fazer taiko, isso eu já tinha uns 9 anos.... aí ele ficou uns 3 anos tocando e tinha eu e minha ba-chan acompanhando ele nas apresentações até que eu percebi que eu sabia tipo, um terço das músicas que eles tocavam só de ficar ouvindo e indo nas apresentações... aí eu decidi começar a fazer o taiko também. Aí que eu comecei a perceber que eu gostava de música, mas foi o começo, não que eu dizia "nossa, eu gosto de música", eu gostava de estar no ambiente, eu gostava de aprender, eu gostava de tocar, mas eu ainda não tinha essa concepção "nossa, eu gosto de música", era uma coisa muito específica assim que aos poucos, depois de longos anos virou um "nossa, eu gosto de música", mas aí passou já uns 3 ou 4 anos de eu já estar tocando taiko.

Marcelo Yamanoi: Nossa, você falou do som, é engraçado, é muito mais comum assim né, mas meu pai só ouvia sertanejo, então eu vivi ouvindo sertanejo, tive minha fase radical ouvindo black music na TV, depois com rock japonês, mas eu lembro que meus amigos da escola me zoavam na oitava serie assim, porque eu não fazia ideia do que era o Queen, o que eles tocavam, não sabia nem o que era rock, a primeira vez que eu vi algo que eu achei que era rock foi uma apresentação do Ney Matogrosso e ele tava vestido de preto e couro, eu perguntei pro meu primo "o que que isso?" e meu primo falou "é, que ele é roqueiro"

André Trindade: Nossa, grande Ney Rockeiro (risos) maravilhoso.

Marcelo Yamanoi: Falando nisso, você teve uma fase roqueiro também, não teve?

André Trindade: Mano, meu pai, ele gostava muito de baixar músicas no mp3, ele baixava tudo quanto era música esquisita, tinha o meu mp3, o do meu tio e tinha o dele, aí eu gostava de ouvir o dele, porque sempre tinha música nova. Mano, a primeira vez que eu senti meu estômago embrulhar assim, com uma música, foi quando começou a tocas Master of Puppets, ele tinha baixado Metalica no mp3 e aí eu fiquei tipo "uuurg" e passei direto a música, mas depois de um tempo por algum motivo, depois de ouvir uns j-rock eu voltei pra aquela música e falei "tá, pera, isso aqui é legal" e aí eu comecei a ouvir metal assim, aí fiquei na fase metaleiro por uns 5 anos. Até hoje eu ainda ouço bastante metal, dou uma procurada assim, que... representa bem alguns sentimentos, mas tive a fase metaleiro pesado.

Marcelo Yamanoi: Sim né, é uma fase clássica (risos). Mudando um pouco o foco, mas mantendo um pouco o foco também, você é filho de uma família com uma cultura afro forte e também filho de uma família japonesa né. A pergunta é mais em torno de como foi isso de se perceber amarelo, se perceber preto ou se sempre foi muito claro ou estranho isso. Como foi?

André Trindade: Eu tive a primeira fase que foi de tentar ser amarelo, essa foi minha primeira fase, então tentava ser amarelo, tentava ser o neto japonês da minha ba-chan, eu tentava ser amarelo... e aí eu tentava... mano... todo mundo olhava e falava "mano,

cê é preto". E aí eu ficava tentando lutar fortemente contra isso, tentando provar que eu sou amarelo, eu lembro até de um diálogo curto assim, eu devia ser bebezinho, de minha ba-chan perguntar pra mim o porque eu não tomava café e eu falar que não queria ficar preto, eu queria ficar branco que nem ela, tipo, eu tinha uma fala mais ou menos assim. Mas era isso, eu tentava ser tipo... tentava falar um pouco de 'nihongo' com os velinhos pra eles perceberem que eu sou japonês ou algo do tipo. Eu só fui perceber que eu era preto na faculdade assim. E aí depois que eu percebi que eu era preto fez sentido eu não ser amarelo, não ser só amarelo, as pessoas não me verem como só amarelo, porque eu não sou só amarelo, eu sou amarelo e preto, então aí eu consegui entender melhor as duas facetas, eu consegui entender melhor que eu vou realmente ser diferente nos dois rolês, mas que eu vou ser acolhido de alguma forma pela identificação cultural ali de vivência e outras coisas.

Quando eu tô no rolê do Minhô a gente se identifica muito pelas coisas de casa, pela questão da ba-chan, pelas coisas que tem na casa de ba-chan, pelo que ba-chan faz, essas questões culturais né, essa questão da comida, essa questão muito forte do arroz branco estar muito presente, do shoyu ser uma base de culinária das coisas e você sente falta dos sabores assim né, do hondashi, de takedashi nas coisas e... eu acho que isso me ajudou também, enxergar o fato de eu ser preto me ajudou o fato de eu me enxergar também como asiático e saber que tipo, não vou me forçar a só ser asiático e entender que realmente as pessoas me veem diferente porque eu sou diferente. Nossa, acho que eu fugi da pergunta.

Marcelo Yamanoi: Não, não fugiu não, tá suave. Também não tem um "fugir da pergunta" aqui (risos).

E você também tocou um tempo no Fankama Obi né, cê não comentou ele na primeira pergunta, mas você ficou um tempo no grupo também né.

André Trindade: Eu fiquei 3 anos no Fankama Obi, eu entrei um pouquinho depois deles fundarem o grupo, que eles saíram da trupe Benkadi, que era um grupo que já existia a um bom tempo em São Paulo, eles formaram o Fankama Obi e aí eu entrei e participei por 3 anos do grupo e quando eles precisam de mim, às vezes e eu consigo participar eu vou lá e tento dar minha força aí e receber essa energia boa, que é muito legal, tocar essa musicalidade não é algo muito comum por aqui assim.

Marcelo Yamanoi: Sim, então eu ia perguntar justamente se foram coisas que vieram meio juntas essa coisa de falar "não, eu sou preto também" com essa...

André Trindade: Veio, veio. Eu, quando estava na faculdade, no primeiro pro segundo ano, eu briguei feio com minha ba-chan e aí eu fui morar com minha vó preta, que eu não tinha muito contato e eu recusava até de ter contato, eu não queria ter contato, eu evitava de ter contato e eu fui ter esse contato lá... e minha ba-chan falava só dos defeitos da família, dos defeitos da minha mãe, o lado de lá, família de lá, o sangue de lá, não sei o quê e eu sempre vi de forma pejorativa e muitas vezes ela ameaçava com isso, ela falava: "se você continuar assim eu vou te mandar pra família de lá" e eu ficava "não, pelo amor de deus, não". E ter ido pra lá me ajudou a entender muita coisa sobre mim assim, de tipo coisas que não batiam na casa da minha ba-chan, com meu tio, com

minha ba-chan que me criou, com meu pai e chegar lá na casa da minha vó preta e me espelhar no meu tio preto e perceber na minha vó preta que eu tinha muita coisa ali que mesmo não tendo convivência tava ali meio que no DNA, na personalidade, tipo nossa, eu lembro de uns momentos assim, de a gente comer alguma coisa e ter um chocolatinho no final e todo mundo ficar feliz na mesma intensidade e eu me identificar muito com isso. Porque na outra família não era tanto assim, eles ficavam me chamando de chocólatra, sendo que lá era normal... e essas coisinhas pequenas foram me tomando.

Eu comecei a me identificar mais com a musicalidade, eu comecei a perceber que o maracatu... ele ressignificava minha existência, sem muito diálogo ou explicação, só o fato de eu estar lá tocando e idolatrando, louvando aquele momento de estar tocando com todo mundo, com o pessoal do teatro, que atrasavam, que tinha vários defeitos, todo mundo com várias tretas e não sei o quê, mas tá lá tocando e todo mundo tá unido pra fazer uma parada muito boa e que tem muito significado pra todo mundo. É muito forte, muito forte e essas coisas, essas atividades grupais, por mais que tenha uma base comum pra todo grupo, cada grupo acaba criando sua identidade e essa identidade grupal assim única desse grupo.. é uma coisa que mexe muito, porque ao mesmo tempo que dá um senso de grupo, dá um senso de individualidade grupal, sensação de pertencimento, é isso. a grande e incrível sensação de pertencimento. Eu ganhei muito disso e isso me fez me identificar como uma pessoa preta, me identificar com o maracatu, me identificar com o coco, apesar de às vezes minha família falar "ê, japonês dançando assim meio duro, corpo e quadril meio travado", aos poucos eu fui aprendendo a soltar, com a capoeira e ainda não sei muita coisa, mas aprendi um pouquinho. Foi bem importante, tanto a faculdade quanto essa ida pra minha outra família. Me ajudou também a enxergar meu lado asiático de uma visão mais de fora, tipo "essa é minha parte asiática, não sou só isso, sou um pouquinho mais que isso". Foi bem legal.

Marcelo Yamanoi: Eu te contei um pouco né, que a gente estava discutindo muito sobre esse conhecimento que se perpetua pela oralidade, que vai passando dos mais velhos pros mais novos e você também que o tempo todo tá aprendendo algo novo e querendo absorver coisas novas, mas que várias dessas coisas tem esse lugar de aprender com os mais velhos né, você falou agora da capoeira...

André Trindade: Na capoeira eu aprendi muito com meu mestre, é praticamente tudo na oralidade, aprender a passar os toques, muita coisa da capoeira apesar da base, cada pessoa tem uma capoeira diferente porque são pessoas diferentes, corpos diferentes, cadências diferentes. O meu mestre contava que ele aprendeu a capoeira baiana, que é uma capoeira que é mais pernada, é mais giratória e aí ele apanhou de uns malucos e levou bronca nas rodas assim, porque essa galera já começava a pegar uma capoeira mais contemporânea, então já entrava mais nos padrões de luta de karatê, mais num formato marcial mesmo. Então ele começou a se adaptar a esse método e aí o que ele passa é o que ele experienciou desse método, é a capoeira dele, inclusive o nome de batizado dele é o Mestre Ginga, a ginga dele é diferente mesmo, a base dele é totalmente diferente, só ele faz aquilo, então realmente faz sentido as coisas serem orais, é ele passando, é ele olhando o seu movimento do corpo e falando

"ó, não tá igual o meu" e ele faz e te mostra, não tem outro jeito de aprender essa capoeira sem estar com ele, você pode até aprender capoeira mas vai ser outra capoeira, eu acho que a oralidade tá muito nisso.

A oralidade tá no candomblé, que muita coisa se passa na oralidade, quase tudo. Lá no teatro também é tudo na oralidade, minha vó cantava as frases dos instrumentos, meu bisavô, minha bisavó cantava as frases dos instrumentos pras pessoas, muitas pessoas não sabiam, minha bisavó nem sabia tocar, mas ela cantava as frases dos instrumentos e os percussionistas tocavam a frase, então existe muito a questão da oralidade, que é muito forte, muito presente... e eu acho que é uma coisa totalmente presente no taiko também, a gente fazia os grupos de estudo e era tudo passado no boca a boca também, era o momento que uma pessoa, que era o senpai, pegava as pessoas mais novas que eram os kohais e ensinava no boca a boca, aí cada um criava a sua estrutura mental pra decorar a mesma parte da mesma música, todo mundo tocava sincronizado mas cada um com sua imagem mental daquilo. Então eu acho que esse processo oral tá em todo lugar.

Marcelo Yamanoi: Eu lembro também que no taiko que cada senpai ensinava de um jeito diferente (risos) porque aprendeu de um jeito diferente.

André Trindade: Sim né, eu acho isso bem legal. Na música africana também, no Fankama Obi eu tive essa experiência que a gente teve um integrante que é o Lupeta, que é um mestre africano, que ele entrou no nosso grupo e tudo que ele ensinava era cantando assim, a gente batia palma para marcar o tempo, ele cantava em cima e a gente reproduzia e aí é isso, o que tem de armazenado é de vídeo, áudio, mas escrito mesmo eu acho que não teve, até que dá um trabalhão do caramba, porque é muita coisa.

E eu acho engraçado, porque agora eu to dando aula no colégio Harmonia, eu tenho os alunos tanto do fundamental I, um grupo de pós horário que é do fundamental II e tem o pós horário de mães, eu dou aula pras mães. Aí pra eu padronizar e fazer as pessoas visualizarem música eu padronizei a escrita, eu meio que quebrei o ciclo do meu grupo, mas eu padronizei a escrita, porque a escrita acaba sendo um grande meio de comunicação e passagem de conhecimento, mas o boca a boca ainda se mantém. Mesmo com a escrita, mesmo com várias coisas, o boca a boca ainda vai permear ali, a escrita ajuda muito, mas na hora que você tá tocando você não vai escrever, você toca e canta, mostra ali, então a oralidade ainda se mantém bastante.

Marcelo Yamanoi: E por outro lado você também teve a experiência acadêmica né, como isso te influenciou, você chegou a trabalhar como músico terapeuta?

André Trindade: Não, não cheguei a trabalhar como músico terapeuta, tive várias crises de identidade, por causa da minha formação, aquele clássico depois de me formar, até porque devido ao fato de eu vir de uma escola pública e passar por uma faculdade particular eu sentia que minha tomada desse diploma não era legítima, eu ainda me sinto defasado na leitura, ainda me sinto defasado a muita coisa que faz parte do dia a dia acadêmico, que é o mínimo e o básico da academia e pra mim ainda é muito defasado, então eu ainda tenho muita crise de identidade e muito receio enquanto

essa questão de me considerar acadêmico e de legitimar o meu diploma por causa disso. O que de certa forma é besteira, mas faz sentido porque é o padrão que a academia exige né, é o padrão de escrita, é o mínimo de formalidade, faz sentido mas eu acho que devido a isso eu não trabalhei com musico terapia ainda, mas pretendo. E foi bem difícil lidar nesse processo acadêmico com a formalização de muitas ideias que eu tinha, inclusive meu TCC é uma ameba, é terrível... a ideia é genial assim, eu fiz um TCC que era um artigo sobre a criação de identidade nikei através dos grupos de taiko, falando sobre a questão de como o taiko influenciou na identidade nikei, de se entender não como um brasileiro, nem como um japonês, mas como um nikei e como o taiko ajuda nisso, por exemplo, tem um grupo lá de campinas que foi no Japão visitar o Kodô, aí o Kodô falou que eles tocavam de um jeito brasileiro e tem relatos de integrantes falando "Pô, a gente treinou tanto pra tocar as musicas japonesas e os caras falam que a gente toca que nem brasileiro", então achei isso muito bom, porque é isso né, aqui a gente é japonês e no Japão a gente é brasileiro e tem essa crise de identidade... e o quanto o taiko influencia bastante nisso, em criar uma identidade grupal, daquele grupo, não exatamente o nikei no geral, mas como aquelas pessoas acabam criando um ponto de referência entre elas que é o taiko, mas... ficou horrível, ficou horrível, enchi muita linguiça, não teve muita coisa, podia ter refinado várias coisas e ter ido prum tema mais simples e mais eficaz, mas foi horrível.

Senti muita dificuldade nisso de passar todas essas coisas que a oralidade dá valor mas que quando vai pra academia, vai pra escrita, ela acaba se perdendo um pouco, é diferente né, você ter que validar várias coisas que na oralidade não tem que ser validadas, é aquilo, é aquilo que foi passado, aquela é a verdade, simples assim, é diferente de outra pessoa e tá tudo bem porque é a oralidade daquela pessoa, é o aprendizado que você quis aprender daquela pessoa. Agora, passar isso, toda essa oralidade pra academia, passar todo esse resquício de atividades étnicas... porque é isso né, tudo que foge do padrão ocidental acaba entrando nesse padrão de música e cultura étnica, mas acaba que a partitura é diferente, tem uma formalidade própria daquela cultura e pra passar pra academia tem que ser da forma ocidental. Tipo, se tem a partitura do shamisen erudito, tem todas as notas mapeadas do shamisen lá, tem o canto acompanhado com a nota marcada do shamisen, o shakuhati (que é a flauta) tem uma partitura, o kotô tem outra partitura, cada um tem a sua e consegue sincronizar tudo na mesma partitura, por mais que tenha todas as complexidades que tiveram a fiscalização ocidental, que tiveram influência da partitura ocidental, teria que ser passado para a partitura ocidental, porque é esse o padrão né, que é o padrão que a academia consegue enxergar, não é sobre aprender aquela cultura, mas sim aprender aquela cultura através da visão acadêmica.

Marcelo Yamanoi: É, sim né, no fim das contas a academia ainda é europeia e branca, é esse lugar do ocidental mesmo né.

André Trindade: É, eu como só fiz uma graduação, eu acho que não tenho culhão pra falar muito sobre a academia, mas, segundo pessoas que estão na USP, que são minoria, que estão presentes lá fazendo mestrado e doutorado, é isso mesmo.

Marcelo Yamanoi: E pra encerrar... E agora você é professor né, como está sendo dar aula?

André Trindade: Eu estou tendo duas experiências, na verdade três. Dar aula pras crianças que provavelmente não querem aprender taiko, porque faz parte da grade, então elas são obrigadas a fazer a aula de taiko. Tem a experiência de mães dos alunos, que querem participar e fazer aula de taiko, ouvi relato de muitas que é uma atividade terapêutica, algumas estão fazendo aulas desde março, a gente tá em julho, foram 4 meses de taiko e pra elas já têm esse efeito muito forte do taiko, já fizemos duas apresentações nesse espaço de tempo e elas gostaram, super dedicadas. Tem o grupo do pós horário, que é a galera do ensino médio que por algum motivo decidi fazer taiko, mesmo depois que deixou de ser algo obrigatório, falou "não, eu gosto de taiko" e decidi continuar e está lá comigo aprendendo. E eu tenho dado aula agora numa associação também, de cultura japonesa, que tem um grupo muito misto, quer dizer, só tem mulher, engraçado que o grupo das mães e esse só tem mulher, eu acho muito legal e esse é um grupo que tem 4 ba-chans e 3 mulheres mais jovens assim... e tá sendo uma experiência muito legal.

As crianças, eu praticamente estou descobrindo como dar aula, estou a um ano dando aula pras crianças e ainda estou descobrindo o que elas gostam, como funciona, porque as vezes repetir muito a mesma coisa não funciona, mas às vezes não repetir o suficiente a criança não aprende... às vezes você passa algo lúdico e a criança não se diverte, às vezes você passa algo que é repetitivo e a criança se diverte com aquilo, então tá sendo uma experiência bem esquisita, bem estranha, as vezes no que eu tenho que conquistar a criança não é exatamente fazer brincadeiras com o taiko, mas mudar o ângulo em que a criança toca o taiko pra ficar mais interessante pra ela, porque não é uma questão exatamente dela se divertir com o som, mas se divertir com o movimento de tocar o taiko e isso faz muito sentido, né? Dessa questão da ligação do taiko com o movimento, muitas não gostavam de música devido a experiências com a antiga professora, a professora agora mudou, eles estão tendo novas experiências com música, mas eu acho engraçado que eles chegam falando "ai, eu não gosto de música" e eu fico "mas você gosta da aula de taiko" e eles "mas é taiko...", passar por essas situações assim tá sendo bem interessante, de entender como funciona a didática e de entender o que é realmente importante, o que realmente importa pra essas crianças aprenderem com o taiko, é estimular, é aprenderem a cultura, é aprenderem a tocar direito o taiko, a técnica. Por que elas vão aprender taiko por 5 anos, do primeiro ao quinto ano, o que eu vou ensinar pra elas? Não só como professor mas como sensei de taiko, porque isso tem outros valores além de ensinar técnica e música, né? E tentar lidar com problemas que às vezes são mais sociais e pessoais, do que musicais em si, porque as crianças já são super musicais e quando não são a gente tenta ver como estimular a criança a tocar e entender ritmo, às vezes você acha crianças geniais e as vezes acha crianças com bloqueios a quanto se colocar artisticamente. As vezes demonstrar que explorar o taiko de algumas formas prejudica o instrumento ou prejudica o corpo delas, né? E é bem legal esse ponto das crianças, eu estou num aprendizado constante de como é bom eu dar aula pra elas e de como é bom por mim, de como eu economizar mais energia, como eu evitar de me estressar com coisas que não tem a ver com as crianças diretamente. mas sim com o fato de eu não estar feliz

com o andamento da aula, de rever meus objetivos para cada turma, entender que esse ano vai ser isso, mas que cada turma tem uma dinâmica diferente. Deixar as crianças me levarem pra onde elas querem ir, ou se não as vezes tomar a rédea e trazer as crianças para outro lugar, eu tive muito aprendizado nessa questão.

Marcelo Yamanoi: E tem um lugar diferente nessa escola também né, porque é diferente né, ter taiko na grade curricular.

André Trindade: É uma escola que tem muita coisa né, tem muitas aulas diferentes, linguas, ginásticas, bem completa, muito além do padrão, por exemplo eles têm aula de japonês desde o infantil.

Marcelo Yamanoi: É verdade, você comentou comigo antes de começarmos a gravar, que essa escola...

André Trindade: Sim né, ela tem em cada turma uma média de 6, 7 crianças asiáticas assim... e é bem legal, porque torna pra mim, um ambiente bem mais caseiro. O curso do pós horário é interessante, porque são crianças que fizeram taiko e quiseram continuar, elas tem outra pegada, tão curtindo apresentar, as vezes eram crianças que quando era obrigatório na grade nem participavam tanto, mas agora começou a gostar da coisa e tá se dedicando.

E tem o grupo das mães, que é um grupo que já vem por outra formalidade, porque elas já estão dispostas a ouvir, não preciso ficar chamando atenção delas o tempo todo, posso ir pro diálogo, conversar com as mães, brincar, elas ficam tirando sarro de mim, eu fico tirando sarro delas, então tem uma interação bem diferente. Com as mães eu entro bem mais em partitura, muito mais em divisões da música, com elas consigo fazer um trabalho mais formal, algo que vai mais pra palco, porque o taiko tem esse direcionamento de apresentação né. O taiko contemporâneo foi feito para estar no palco, então ele já é musicalmente moldado para estar no palco. Até às vezes dar aula pra mãe, depois dar aula pro filho e ficar "aaa você é filho de tal pessoa", é bem legal, bem legal.

Marcelo Yamanoi: Eu acho que é isso, muito bom falar e perguntar coisas pra você, que eu acho que não perguntaria em outra situação. E é engraçado porque a gente se conhece a o que? Cotas de anos já.

André Trindade: Mano, kodaiko tem uns 10 anos, acho que a gente se conhece a 8 anos no mínimo, a gente teve banda juntos velho! Muito maluco.

Marcelo Yamanoi: Sim! Muito obrigado Dé.